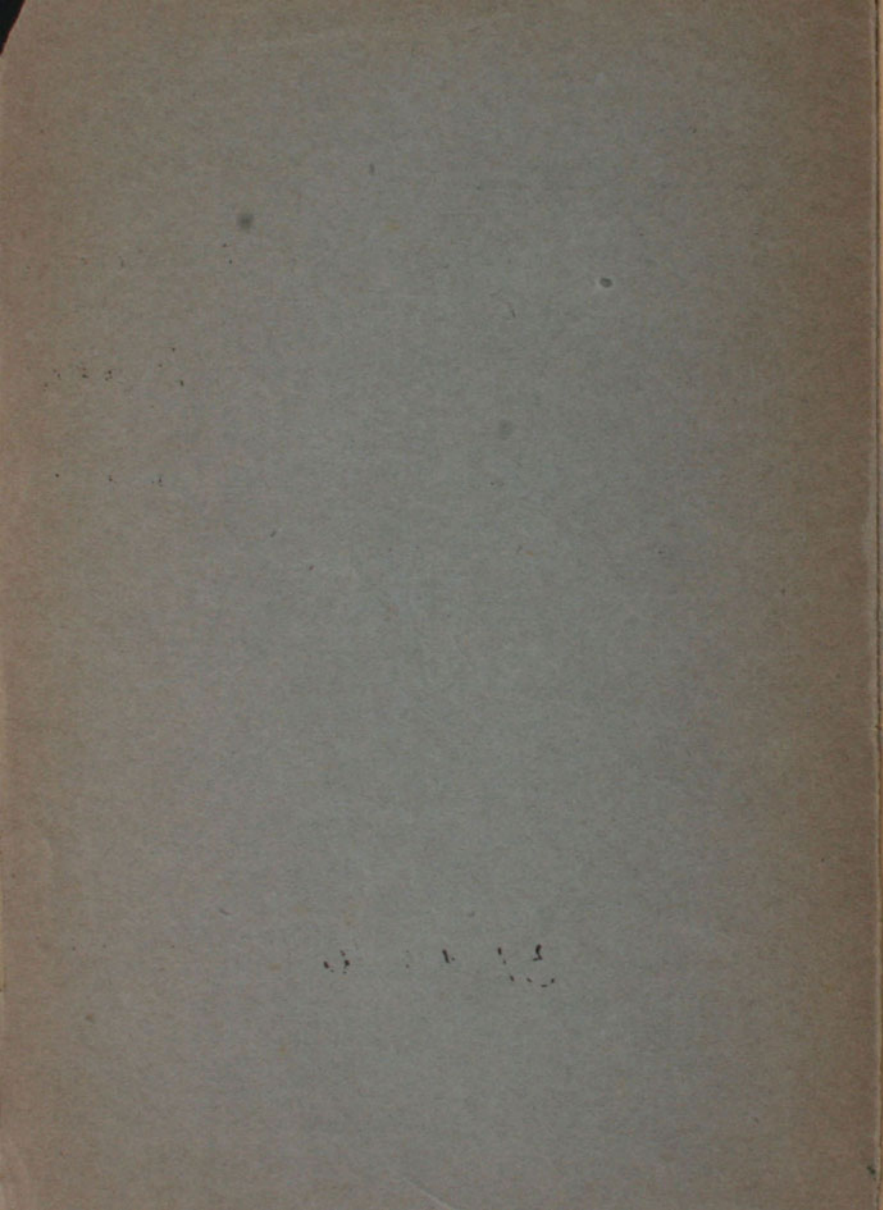


# CANTIGAS



JOSÉ REBELO



CANTIGAS

A Sr. Fernando

Pessoa, poeta  
ilustre, honra-  
gem do

'poet'

Reiner

31 de julho de 1918

DO AUTOR

---

PUBLICADO :

1913 — *Ode a Camões*

1915 — *Canções do amor e da terra*

1917 — *Arte, artistas e perfis*

1917 — *Cantigas*

A ENTRAR NO PRELO :

*Mario de Sá-Carneiro*

*Columbano*

*Mulheres de Camilo* (versos)

# CANTIGAS



JOSÉ REBELO

*Todos os exemplares são rubricados pelo autor.*

*101*

## CANTIGAS

### I

Quem canta seu mal espanta,  
Quem canta a dôr alivia . . .  
— Cantigas são<sup>10</sup> como as àsas  
Que vão em busca do dia !

### II

Cantam as aves nos ninhos,  
Cantam fontes de cristal . . .  
— Meus olhos cantam nos teus  
Todo o sol de Portugal !

III

Nesta terra da saudade,  
Toda cheia de canções :  
— A tristeza é um rosario,  
E as cantigas orações!

IV

Das canções d'oiro e de bruma  
Que andam, doidas, pelo ar :  
— As mais lindas só as canta  
Quem melhor souber chorar!



V

Oh! minha mãe, as cantigas  
Que me disseste embalando,  
Eu venho aqui repeti-las,  
Venho canta-las, chorando...

VI

Nem tudo o que luz é oiro,  
Nem o que ri é contente...  
— Quantas vezes não cantamos  
O que a alma nunca sente!

VII

Qual a ventura melhor ?  
E fui vendo e interrogando,  
E vi que a melhor ventura  
E' só a que vae faltando!

VIII

Difosa lagrima aquela  
Que ao tombar suave e linda,  
Encontra dôce refugio  
N'outras lagrimas ainda...

IX

Palavras, leva-as o vento ;  
Mas as ditas sem prudencia  
Ficam depois, muitas vezes,  
A roer na consciencia !

X

Manoel, não faças tróça,  
Nem cuspas p'ró ceu, Maria :  
— Podem lançar-vos na cara  
O que cuspistes um dia . . .

XI

A vida é feita de sonhos,  
Sonhos de triste acordar . . .  
E' bem feliz quem acorda  
E continua a sonhar!

XII

Corações que vão sosinhos  
Sem amôr e sem esp'ranças,  
São como braços de mães  
Que não embalam creanças . . .

XIII

Bôca de mel, mãos de fel . . .  
E' como abismo onde estão  
Ninhos cantando, á entrada,  
No fundo, toda a traição!

XIV

Má hora ? Não a maldigo,  
Que pode sêr, por meu mal,  
Eu vir a lembra-la um dia  
E querer uma outra igual!

XV

Quem ama vive num trôno  
E serve alguém de joelhos...  
Traz um sorriso nos lábios  
E tem os olhos vermelhos!

XVI

Os teus olhos são janelas  
Abertas de par em par...  
Por elas entra a minh'alma  
E vai-se á tua juntar!

XVII

Bem ama quem nunca esquece . . .  
E todo este amôr, mulher,  
E' uma vida infinita:  
— Anda sempre a reviver!

XVIII

Morresse o amor teu, embora!  
— Ao meu viver miserando  
A gloria' ao menos ficava  
De o ter de novo, lembrando!

XIX

Foste á fonte e não tens agua . . .  
Valha-te Nosso Senhor!  
Vê o que foste buscar:  
— Beijos e penas de amôr!

XX

Se o beijo fosse um perigo  
E fizesse mal á gente,  
Tinhas chamado um doutor,  
Estavas muito doente!



XXI

Eu vou jurar que não ha  
Amôr assim tão profundo :  
— Amo-te como se fosses  
A única mulher no mundo!

XXII

De tanto amar, nossas almas  
Andam sem tino e sem lei...  
Qual a minha e qual a tua ?  
— Nem tu sabes, nem eu sei!

XXIII

No dia em que tu entraste  
Na minh'alma, que um lar, *12*  
Foi-se a tristeza sombria,  
Entrou o sol a cantar!

XXIV

Passa o sorriso nos labios,  
Passa o perfume da flôr,  
Passa o tempo, passa a vida,  
Só não passa o meu amôr!

XXV

Porque te amo ? Nem eu sei . . .  
Pregunta á agua das fontes  
Quem as leva para o mar,  
E porque deixam os montes !

XXVI

Longe do olhar, longe d'alma,  
Por muito tempo o supuz,  
Mas minh'alma segue a tua  
Como a sombra atraz da luz !

XXVII

Uma mentira traz outra . . .  
— E' como a onda do mar  
Que se vai fazendo em ondas  
Até á praia chegar !

XXVIII

O riso diz alegria . . .  
Todavia quantas vezes  
Não se ocultam num sorriso  
Tantas maguas e revezes !

XXIX

Amôr com amôr se paga,  
Ouvi dizer, nem sei quando!  
E quantos não dão a alma  
E ficam sempre esperando!

XXX

Vai-se em busca da alegria,  
E sem poder encontra-la . . .  
E a alegria é-nos tão facil:  
— Basta só imagina-la!

XXXI

No teu amôr eu não creio  
Pois tu não podes amar :  
— Se mal conheces a vida !  
— Se até nem sabes chorar !

XXXII

Mãos frias, coração quente,  
E tu tens as mãos de gelo . . .  
— Que amôr o teu que não pode  
Todo o teu corpo aquecê-lo !

XXXIII

Sôa o bem e vòa o mal  
E toda a vida é assim :  
— O bem a cantar-me ao longe  
E o mal a vir para mim !

XXXIV

E'-se infeliz, e que importa  
Se existe a esp'rança divina  
Que é como a hera que ampara  
E guarda toda a ruina ?!

XXXV

Ao bom calar chamam santo,  
Lá diz um rifão á gente.  
Mas fala quando fôr tempo :  
— Quem cala tambem consente !

XXXVI

Quem desdenha quer comprar . . .  
— Se não amasses assim  
Não mostravas tanto empenho  
Em falar tão mal de mim . . .



XXXVII

Pela bôca morre o peixe.  
Pense bem toda a pessôa:  
Muita vez não é o gesto  
Mas o falar que atraçôa!

XXXVIII

Se os velhos passam curvados  
E olham o chão com tristura,  
E' porque estão escolhendo  
A terra da sepultura!

XXXIX

O riso que me perturba  
E me aquece interiormente,  
Não n'ó aprendi na alegria  
Mas na tristeza somente!

XL

Soluçam ais as estrelas  
Que eu bem as oiço chorar...  
— Não fossem elas as lagrimas  
Que se nos ergueram no ar!

XL I

As bandeiras lembram àsas,  
Doidas, no ar, tremulando . . .  
— Asas feitas da nossa alma  
Inquieta por ir voando!

XL II

Este mar, de o atravessarem  
Portuguêses tanta vez:  
Aprendeu nossas cantigas,  
Fez-se também português!

XLIII

Portugal, és pequenino!  
Pequeno assim toda a gente  
Pode guardar-te na alma  
Emquanto estiver ausente!

XLIV

Morreu Camões e até hoje  
Ninguém lhe levou a palma:  
— Seu corpo desceu á terra  
Subiu á nossa a sua alma!

XLV

O' Portugal da aventura  
Debruçado á beira-mar,  
Como que a vêr o passado  
No fundo, a resuscitar. . .

XLVI

O' meu país das viagens  
E da praia de Belem,  
Onde o teu nome se reza  
Em cada onda que vem. . .

XLVII

O' minha terra tão linda  
Sem igual e sem contraste :  
— O mar agora é de todos,  
Mas só tu o desfloraste . . .

XLVIII

O' Portugal dos poentes,  
De paisagens, maravilhas,  
Revivendo a toda a hora  
Em milhões de redondilhas . . .

XLIX

O' minha terra das fontes,  
Cheia de graça e de amôr,  
Onde as estrelas se acendem  
Só p'ra te verem melhor. . .

L

O' minha terra de encantos  
E de encantadas manhãs,  
Onde as mulheres e as flores  
De tão lindas são irmãs!

LI

O' minha terra cheinha  
De luar e de ilusões,  
Os rouxinoes e poetas  
Cantam as mesmas canções...

LII

Patria onde se morre amando  
Como Inês e Bernardim...  
— Por não termos outra morte  
E' que morremos assim!



LIII

O' terra que descobriste  
A nossa imortalidade:  
— Tudo o que passa lá fica  
Vivendo em tua Saudade!

LIV

Terra de amôr e de enleio,  
O' terra dos meus cuidados:  
A Vénus nasceu do mar...  
Tu, do sangue dos soldados!

LV

A' fonte dos namorados  
Fui um dia passear,  
E matei a sêde á bôca  
E trouxe a sêde de amar!

LVI

Bem dita a alma das arvores!  
— Morre uma arvore entre trinos  
E a alma é braza dos pobres,  
E é canção nos violinos!...

LVII

Palavras fóra da bôca  
São pedras fóra da mão...  
— Palavras leva-as o vento,  
As pedras caêm no chão!

LVIII

O calado é o melhor...  
Quasi sempre a má palavra  
Deixa-nos mais prejuizos  
Que um incendio quando lavra!

LIX

O maior rei que tivemos  
Foi D. Pedro, de má sorte,  
Que ensinou aos portuguezes  
A amar até á morte!

LX

O' saudade portugêsa,  
Velhinha, de tanta idade,  
Se tu morreres um dia  
Has de deixar cá saudade!

LXI

A's ondas do mar, os sonhos,  
Ouvi dizer, são iguais...  
Mas as ondas vão e voltam  
E os sonhos não tornam mais!

LXII

Eu não lamento quem traz  
Lagrimas sem fim no olhar,  
Que eu mais pena tenho ainda  
De quem não sabe chorar!

LXIII

Foges de mim que te amo,  
E, não sei porque razão :  
— Quanto mais foges de mim  
Mais estás no coração !

LXIV

Faz o mal, e espera o mal . . .  
Quem faz mal lança semente  
Que germina e frutifica  
Em seu mal unicamente !

LXV

Minha ventura é pequena  
Como no ceu uma estrela . . .  
— Se fosse grande fugia-me,  
Pequena, posso abranger-la!

LXVI

Mais vale tarde que nunca,  
E espero por ti ha tanto . . .  
— E tenho a alma tão triste,  
E tenho os olhos em pranto!

LXVII

Quem porfia sempre alcança . . .  
— E, no entanto, quanta gente  
Não anda atrás da ventura  
Sem a ter, eternamente !

LXVIII

Guarda o pão, poupa a alegria,  
P'rá ámanhã, p'rá tua mesa :  
— Bôca sem pão é miseria!  
— Gasta alegria é tristeza !



LXIX

Amôr em cinzas, depois,  
Se alguém o vem despertar,  
E' como as àsas partidas  
Que ainda tentam voar!

LXX

Quem tudo quer, tudo perde,  
E tanta fortuna quiz,  
Tanto amôr, tanta ventura,  
Que inda sou mais infeliz!

LXXI

As penas leva-as o vento . . .  
Antes não levasse, não,  
Que ao levà-las não trazia  
Mais penas ao coração !

LXXII

Quem espera sempre alcança,  
E eu puz-me a esperar por ti . . .  
— E toda a vida gastei  
Na esperança em que vivi !

LXXIII

A ventura aos que a procuram,  
E ao procurar-te, criança :  
— Trouxe comigo a tristeza,  
Deixei contigo a esperança!

LXXIV

Puz os meus sonhos tão alto  
Como as estrelas no ar . . .  
— Ai de mim! tão alto os puz  
Que nem os posso tocar!

LXXV

Grande nau, grande tormenta,  
E é bem certo este rifão :  
— Quanto mais belo é o sonho,  
Mais triste a desilusão !

LXXVI

Quem chora penas aumenta,  
Afirma o povo cantando ;  
Mas o pranto é como um berço  
Esquece, vai embalando . . .

LXXVII

Ditoso de quem vivendo  
Na descrença e na incerteza,  
Ainda pode encontrar  
Alegria na tristeza . . .

LXXVIII

Grande poeta é aquele  
Que ao rimar o que ele sente,  
Deixa em seus versos, chorando,  
A alma de toda a gente!

LXXIX

Cantigas leva-as o vento,  
E vão no vento a bailar . . .  
Passam no ouvido, cantando,  
Chegam á alma a chorar !

LXXX

Quem canta seu mal espanta,  
E eu puz-me a cantar um dia,  
Foram-se as minhas tristezas,  
Mas não voltou a alegria !

# Canções

## Do

## Amor e da Terra

POR JOSÉ REBELO

(*Capa de Saavedra Machado*)

Casa Editora de Figueirinhas & C.<sup>a</sup> — Porto, 1945

---

De *O Seculo*, edição da noite, de 26-XI-915 :

... Livro de versos, mas livro de um poeta a valer, cheio de emoção e de beleza, este das «Canções do Amor e da Terra» veio revelar um escritor distinto, apaixonada alma de artista que com o maior prazer saudamos...

Da *Voç do Sul*, de Silves, 1-IV-917 :

... O que ha de mais louvavel na obra de José Rebelo é a sua poesia caracterisar-se por uma afirmação de vida e de energia poeirada pelo saudosismo tão profundamente português, sentimento tão característico da nossa raça que afugentou os monstros desses mares nunca dantes navegados. No seu livro aparecem quadras perfeitissimas que rivalisam com as melhores que conhecemos, e que só por si bastariam para lhe valorisar a obra.

*Mauricio Monteiro.*

Do *Diario da Madeira*, janeiro de 1916 :

... José Rebelo enfileira ao lado da ala enamorada dos que sabem cantar á lusitana, com alma, com amôr, com sentimento, sem pieguices que irritam e enervam . . .

De *A Lucta*, de 19 de Abril de 1916 :

.. José Rebelo, um poeta de valôr, que começa agora e começa por onde muitos acabam. E' um poeta de futuro, uma esperança literaria, um novo que, se continuar, será um nome.

De *A Folha*, de Ponta Delgada, 23 de Fevereiro de 1916 :

.. *Canção d'amôr, O teu olhar, Amar*, são ainda poesias primorosas e das melhores do livro. Para que transcreve-las ? Leiam-nas, meus amigos, leiam o livro todo, e depois . . .

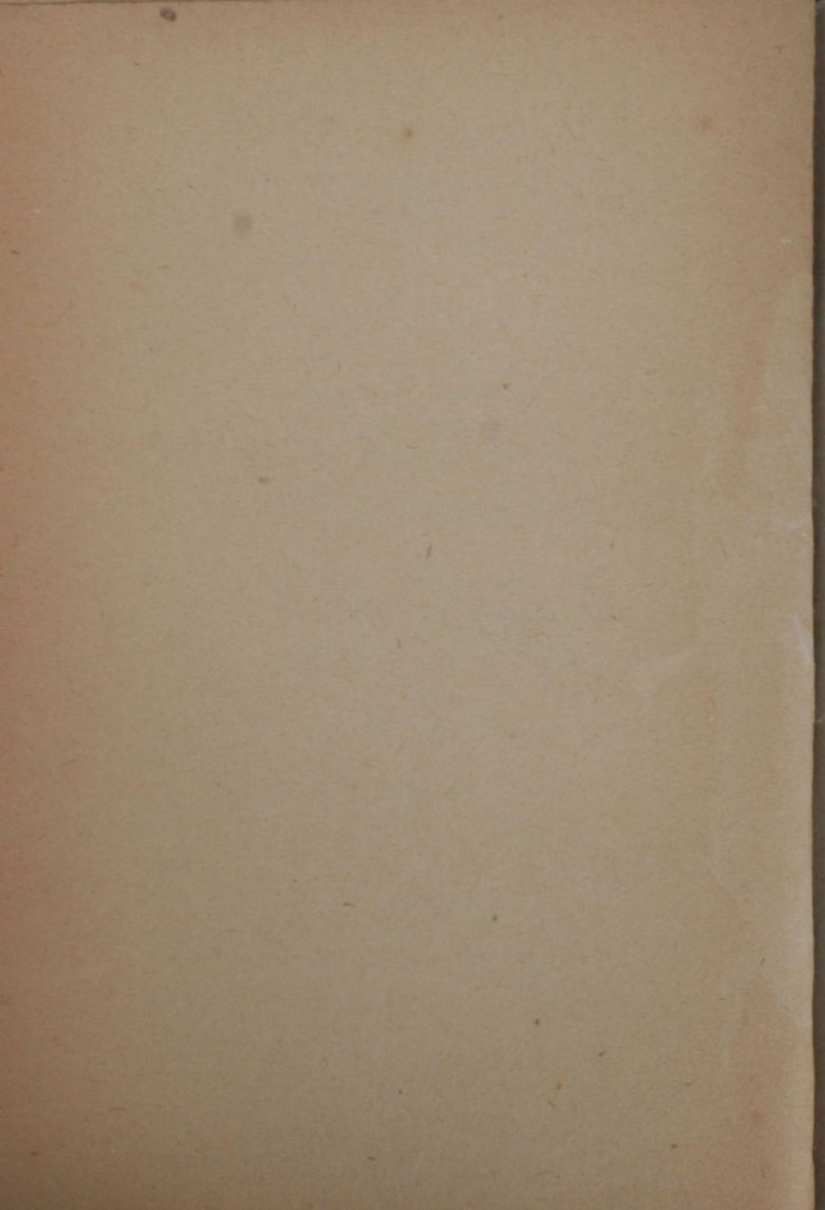
Depois — deixem passar o poeta que caminha a passos firmes, cavaleiro do Ideal, peregrino da Beleza.

Coimbra, dezembro de 1915.

*Armando Correia.*









Preço: Trinta centavos

Edição da **ALMA NOVA**  
Calçada da Penha de França, 12, 1.º  
— LISBOA —